



VEJA:
o discurso verde das *páginas amarelas*

VEJA MAGAZINE:
the green speech of the yellow pages

Ariane Carla Pereira Fernandes¹

Resumo

Esta reflexão-conversa tem como proposta analisar as entrevistas com temática relacionada a questão ambiental, publicadas nas "Páginas Amarelas" de *Veja*, no período compreendido pelos anos de 2006, 2007 e 2008. *Corpus* que se mostra interessante e rico por sua própria estrutura: perguntas e respostas – o que permite que sejam colocadas em contra-ponto várias perspectivas o que possibilita, seguindo a análise do discurso de linha francesa, evidenciar como os discursos não existem de modo isolado, estão sempre em relação com discursos outros, ou seja, comportam em seu interior pré-construídos.

Palavras-chave: análise do discurso, heterogeneidade discursiva; discurso jornalístico; aquecimento global.

Abstract

This reflection-talk analyzes the interviews with themes related to environmental issues, published in the Yellow Page by *Veja* magazine, in the period for the years 2006, 2007 and 2008. *Corpus* that shows interesting and rich for its own structure: questions and answers - which allows them to be placed in counterpoint multiple perspectives, which allows, following the analysis of the discourse of the French line, to show how discourses do not exist in isolation, but they are always in relation to other discourses. In other words, they behave in their interior discourses pre-built.

Keywords: Analysis of the discourse, Discursive heterogeneity; Journalistic discourse; Global Warming.

¹ Jornalista, mestre em Letras, doutoranda em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Docente do Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro). Líder do Grupo de Pesquisa Conversas Latinas em Comunicação. Autora de "Rota 66 em revista - as resistências no discurso do livro-reportagem" (Unicentro, 2011) e co-organizadora de coletâneas. ariane_carla@uol.com.br





Início de conversa

Reviravolta climática. Aquecimento global. Temperaturas em elevação. Desmatamento. Geleiras derretendo. O alarme de que nas questões ambientais estamos – nós, seres humanos – conduzindo o planeta de maneira torta soou. E, depois da “Verdade Inconveniente”, de Al Gore², o clima, o meio-ambiente e a ecologia viraram – a partir da segunda metade de 2006 e continuam até os dias de hoje – assuntos cativos na imprensa mundial e brasileira. Jornais, revistas, TVs, emissoras de rádio, sites de conteúdo não passaram sem registrar o medo de que seja tarde demais para o planeta; os vilões do aquecimento global e as saídas possíveis para esse lugar chamado Terra. Inevitável pauta. Inevitável?

Sim. Esta é/será, provavelmente, a resposta dos leitores de *Veja*, publicação semanal da Editora Abril, revista de maior circulação no país. Porém, esta afirmação, que também é minha enquanto leitora, inicialmente, é baseada apenas na percepção visual, nos registros da memória. Percepção e memória de leitora da revista que levaram a inquietações na análise do discurso. Dessa maneira, o “jornalismo ambiental” praticado por *Veja* vem sendo o objeto de análise em estudos/artigos diversos, desde o início de 2008. E, nesse momento, me proponho a empreender gestos de interpretação, a partir dos óculos teóricos da análise do discurso de linha francesa, de entrevistas publicadas por *Veja* na seção das “Páginas Amarelas” com temática ambiental.

Assim, num primeiro momento, foram “dissecados” os exemplares de *Veja* publicados entre janeiro de 2006 e dezembro de 2008 tendo como objetivo levantar as entrevistas publicadas em “Páginas Amarelas” que contivessem no título, linha fina e texto de apresentação do entrevistado e da temática da entrevista (que compõem a estrutura inicial de todas as “Páginas Amarelas”) as expressões “meio ambiente”, “caos climático” (expressão bastante usada pela revista ao tratar do tema), “aquecimento global” e “efeito estufa”.

² “Gore se transformou num pregador incansável em favor da salvação do planeta por meio de investimentos em novas tecnologias e modelos de negócios. Nos últimos anos, ele já fez mais de 1 000 palestras em empresas e universidades, discursando sobre as consequências das mudanças climáticas e o que pode ser feito para combatê-las. Há três semanas, estreou nos cinemas americanos o documentário *Aquecimento Global, uma Verdade Inconveniente*” - *Veja*, 21/06/2006.





Observação que apontou que nos anos de 2006, 2007 e 2008 o aquecimento global e/ou o efeito estufa foram tema de “Páginas Amarelas”, uma das principais seções fixas de *Veja* – e a própria coloração distinta das páginas é justificativa para a afirmação –, sete vezes:

- edição 1977, 11 de outubro de 2006 – Al Gore: O guru do Verde
- edição 1979, 25 de outubro de 2006 – James Lovelock: O vingança de Gaia
- edição 1981, 8 de novembro de 2006 – Nicholas Stern: O alerta global
- edição 1995, 14 de fevereiro de 2007 – Alain Belda: E hora de agir
- edição 1997, 28 de fevereiro de 2007 – Fabio Feldmann: Falta fazer a lição de casa
- edição 2064, 11 de junho de 2008 – Patrick Michaels: O grande cético
- edição 2081, 8 de outubro de 2008 – Connie Hedegaard: A guerreira do clima

Assim, terminado este “situar” *do corpus*, convido você, leitor, a percorrer a trilha teórica e, concomitantemente – já que a Análise do Discurso é feita de batimentos teoria-análise – a se aventurar pela vereda da análise. Trajetória que, neste artigo, se dividirá em dois caminhos. Um deles, terá como ponto de partida os textos dos títulos, linhas finas e de apresentação dos entrevistados/temática das entrevistas. O outro, pelo qual começaremos, caminhará pelas perguntas/questionamentos feitos pela revista – a partir de seus jornalistas – aos entrevistados.

A heterogeneidade no/do perguntar

Olhar especificamente para as perguntas de *Veja* na seção “Páginas Amarelas” busca colocar em evidência a ideologia e/ou o posicionamento da revista em relação ao aquecimento global e ao efeito estufa. E, assim, julgo que uma das maneiras de se cumprir esse objetivo é analisar o discurso do outro presente nesses questionamentos.

A reflexão sobre o discurso relatado, do outro, nas perguntas das “Páginas Amarelas” se mostra importante para perceber como a heterogeneidade, que é constitutiva de qualquer discurso, se constrói nos questionamentos aos entrevistados/fontes. Afinal, como afirma Indursky, “não é possível conceber um discurso de modo isolado. Um discurso sempre





está em relação com outros discursos. [...] Um discurso é heterogêneo porque sempre comporta constitutivamente em seu interior outros discursos" (1997, p.196).

Ao colocar em cena, a partir dos questionamentos dos repórteres, o(s) discurso(s) de outrem a revista, inicialmente, pretende confirmar seu posicionamento (embora este seja mascarado pela objetividade jornalística): o de que chegamos ao limite do aquecimento global e, por conta desse caos ambiental, é preciso agir com urgência. Assim, a partir da enunciação de discursos de credibilidade, isto é, de pessoas respeitadas pelas pesquisas/atividades relacionadas ao “verde” a revista busca cooptar o leitor para a sua causa que é a mesma destes.

Objetivo esse, como já dito, que se cumpre a partir da utilização do discurso (citação) indireto que, para Maingueneau, "só é discurso citado por seu sentido, constituindo uma tradução da enunciação citada. [...] Não reproduz um significante, mas dá um equivalente semântico integrado a enunciação citante" (2001, p.108-109). Ao tratar do DI, Indursky diz que ele "é apresentado como um *processo de parafraseagem*, vale dizer, de 'versão' que o locutor (L) faz do discurso do outro (I)" (1997, p.198, grifo da autora).

Exemplo 1: “Muitos cientistas acham que já é tarde demais para evitar o desastre. James Lovelock, o criador da Hipótese Gaia, sustenta que as mudanças climáticas eliminarão 80% da população mundial até o fim do século” (edição 1977, 11/10/2006).

Nesse caso, o questionamento nem é feito. Ao colocar apenas o posicionamento dos “cientistas”, o do que “é tarde demais para evitar o desastre”, a revista se alinha a este. Sobretudo, se levarmos em consideração a quem a pergunta/afirmação é dirigida, ao “guru do verde”, Al Gore.

Dessa forma, a utilização do discurso do outro como indício de credibilidade do que está sendo afirmado por trás dos questionamentos, é como se a publicação afirmasse: “a irreversibilidade do aquecimento global é fato. E quem diz isso não é *Veja* são pesquisadores/cientistas/ativistas/especialistas em meio ambiente”.





Exemplo 2: “Uma prova do perigo do aquecimento global citada com freqüência são seus efeitos sobre os ursos polares. Com a diminuição da área congelada no Ártico, a espécie enfrenta maior dificuldade para encontrar alimento. O número de ursos polares está diminuindo...” (edição 2064, 11/06/08).

Mais uma vez, apenas a citação é utilizada (e o(s) autor(s) é(são) generalizado(s), e não especificado(s)) sem a formulação de posterior/subseqüente pergunta. Aqui, como a “afirmação-questionamento” é dirigida ao “grande cético” Patrick Michaels, é como se a revista dissesse: “é fato e contra fatos não há argumentos. Não é possível que o senhor continue não acreditando nos efeitos do aquecimento global com uma prova irrefutável como essa, a morte de animais. Caso não levemos fatos como esses a sério, daqui a pouco seremos nós, seres humanos, a morrer em consequência da mudança climática”. Aqui, podemos lembrar o exemplo 1: “James Lovelock, o criador da Hipótese Gaia, sustenta que as mudanças climáticas eliminarão 80% da população mundial até o fim do século.” (edição 1977, 11/10/2006). Como não se preocupar, leitor de *Veja*?

Recuperando os exemplos 1 e 2, é possível afirmar que os dois locutores presentes no discurso indireto – o citante e o citado –, portanto, não podem ser distinguidos nas perguntas de “Páginas Amarelas”: I = cientistas/pesquisadores/ativistas respeitados = L = a revista *Veja* = a certeza de que o aquecimento global e/ou o efeito estufa é/são fato(s), portanto, “é tarde demais para evitar o desastre”.

Ao colocar em cena o discurso outro, *Veja* evidencia um segundo objetivo: levar/forçar o entrevistado a se re-afirmar como alinhado a causa do “verde”, a de que o “caos ambiental” está instalado, a de que é preciso agir já, embora reverter o quadro não seja assim tão fácil/simples (exemplos 3, 4 e 5); ou, então, colocar “contra a parede” os “céticos” que não acreditam no perigo e nos efeitos imediatos do “aquecimento global” e, assim, fazê-los afirmar que esses existem e são realidade (exemplos 6 e 7). Exemplos:

3. “O mais conhecidos dos céticos, o dinamarquês Bjorn Lomborg, considera exagerada a preocupação com o aquecimento global. Qual a posição do governo da Dinamarca?” (edição





2081, 8/10/08).

Neste exemplo, I e L estão em oposição e podem ser distinguidos:

I = os céticos como Bjorn Lomborg = “preocupação com o aquecimento global é exagerada”

L = *Veja* = “os perigos do efeito estufa e do aquecimento global são iminentes”

L só pode ser evidenciado e colocado em contraposição a I quando busca-se a quem o questionamento é endereçado, ou seja, Connie Hedegaard, “a guerreira do clima” que, como tal, será contrária a Bjorn Lomborg (I) e alinhada ao posicionamento da revista (L). Assim,

L = *Veja* = Connie Hedegaard = “Lomborg tem o direito de pensar o que quiser. Note que ele próprio admite que está ocorrendo uma mudança climática, mas diz que deveríamos esperar uns cinquenta anos para começar a lidar com esse fenômeno. A posição da Dinamarca é outra. Confiamos nas estimativas do Painel Intergovernamental para Mudança Climática (IPCC), da ONU, segundo as quais em **2050 já será tarde demais para fazer qualquer coisa. Temos de agir agora.** Se não o fizermos, o aquecimento global vai se acelerar de tal maneira que se tornará muito caro revertê-lo. Caso isso ocorra, a humanidade não será capaz de manter o padrão de vida atual. **Precisamos tomar uma atitude com urgência.**” (edição 2081, 8/10/08, grifos meus – recorte extraído da resposta a pergunta em questão).

4. “No mês passado, o presidente americano George W. Bush anunciou o objetivo de reduzir em 20% o uso de combustíveis derivados de petróleo nos Estados Unidos. Isso é suficiente para combater o aquecimento global?” (edição 1995, 14/02/07).

Aqui também I e L podem ser distinguidos:

I = os céticos do aquecimento global = Bjorn Lomborg = o (então) presidente dos EUA, George W. Bush = nada ou pouco precisa ser feito = apenas “reduzir em 20% o uso de combustíveis derivados de petróleo nos Estados Unidos” (edição 1995, 14/02/07).

L = *Veja* = Alain Belda, o entrevistado a quem a pergunta é dirigida, para quem “é hora de agir” = “visto que é a primeira vez que Bush fala no assunto, trata-se de um bom sinal. **Se a redução proposta é suficiente é outra questão.** Na verdade, foi mais um gesto político de Bush, que estava respondendo às pressões da indústria automobilística e dos produtores de milho” (edição 1995, 14/02/07, grifo meu – resposta a pergunta em questão).





5. “Alguns cientistas dizem que suas opiniões são apocalípticas e por isso não podem ser levadas a sério. O que o senhor diz a eles?” (edição 1979, 25/10/2006).

I = os céticos do aquecimento global = Bjorn Lomborg = o (então) presidente dos EUA George W. Bush = a visão do aquecimento global como desastre é apocalíptica

L = *Veja* = James Lovelock = o aquecimento global é um desastre para a espécie humana = “Não há nenhum dado no meu livro diferente daqueles contidos no relatório do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas, da ONU. A diferença é que eu apresentei os fatos de uma forma compreensível para os leigos” (edição 1979, 25/10/2006, resposta a pergunta em questão)

6. “O senhor concorda com a afirmação de que a temperatura da terra está aumentando? (edição 2064, 11/06/08).

7. “Suas opiniões parecem moderadas para quem é considerado o mais influente cético em relação ao aquecimento global. Afinal, em que pontos o senhor discorda das teses apresentadas no relatório do IPCC? (edição 2064, 11/06/08).

Nas duas perguntas acima, exemplos 6 e 7, o discurso relatado também está em oposição ao discurso citante. Porém, diferentemente dos exemplos 3, 4 e 5 que buscavam levar o entrevistado a re-afirmar o alinhamento a causa do meio ambiente, as perguntas acima pretendem colocar o entrevistado “contra a parede” para que, mesmo os “céticos”, que não acreditam no perigo e nos efeitos imediatos do “aquecimento global”, sejam levados a afirmar que eles existem e são realidade. Dessa forma,

I = os céticos do aquecimento global = Patrick Michaels (o entrevistado das “Páginas Amarelas” na edição em questão) = não há “motivos para temer o aquecimento global”

L = *Veja* = IPCC = “é correta a tese de que a temperatura na superfície terrestre aumenta devido à crescente emissão de gás carbônico” (edição 2064, 11/06/08 - resposta dada por Patrick Michaels a pergunta utilizada como exemplo 6) = “ Não há discordâncias relevantes entre minha opinião e os dados do IPCC. Eu mesmo contribuí com análises de pesquisas que





foram utilizadas pelo IPCC” (edição 2064, 11/06/08 – Patrick Michaels em resposta a pergunta apresentada no exemplo 7).

Assim, após essa análise, é possível afirmar que ao perguntar *Veja* também toma partido. Posicionamentos estes que, numa perspectiva de analista do discurso, considero como formações discursivas e formações ideológicas. FDs e FIs que, também, estão não apenas na forma de discurso relatado, ao inserir discursos outros nos questionamentos das “Páginas Amarelas”. Acredito que, ao apresentar ao leitor os entrevistados e as temáticas das entrevistas, o jornalista não apenas relata, mas também se posiciona e, nesse momento, confirma suas filiações ideológicas na forma de informações.

FDs e FIs no título, linha fina e texto inicial das “Páginas Amarelas”

Formação ideológica e formação discursiva são dois conceitos básicos da AD. Sendo que, no discurso, esta representa aquela; a última é a manifestação da primeira. Enfim, uma remete – invariavelmente – à outra.

A formação discursiva – derivada do pensamento foucaultiano – é a matriz de sentidos que regula o que o sujeito pode e deve dizer, e – também – o que não pode e não deve ser dito. Dizer que muda de sentido, de acordo com Pêcheux (1997), em função das posições sustentadas por aqueles que o proferem. Ou seja, são as formações ideológicas que determinam os sentidos: “as palavras, expressões, proposições, etc, mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, (...) adquirem seus sentidos em referência a essas posições, isto é, em referência as formações ideológicas (...) nas quais essas posições de inscrevem” (PECHEUX, 1997, p.160).

Assim, de acordo com Pêcheux e Fuchs, “cada formação ideológica constitui um conjunto de atitudes e de representações que não são nem individuais nem universais, mas que se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas em relação às outras” (2001, p.166). Como não existe ideologia separada da linguagem, uma formação ideológica ganha existência quando materializada por uma ou várias formações discursivas interligadas que determinam o que pode e o que deve ser dito em uma





manifestação discursiva.

Os sentidos de um discurso são constituídos a partir da formação discursiva ocupada pelo sujeito-falando, ou seja, são sempre determinados ideologicamente. Por isso, afirma Orlandi, “palavras iguais podem significar diferentemente porque se inscrevem em formações discursivas diferentes” (2003, p.44). Ou seja, “a formação discursiva é o lugar da constituição do sentido, sua matriz, por assim dizer” (PÊCHEUX, 1997, p.162). O sentido de um discurso, assim, depende da formação discursiva em que ele está inserido. Por outro lado, uma mesma seqüência discursiva inserida em diferentes formações discursivas terá sentidos diferentes em cada uma dessas FDs, já que essas formações discursivas correspondem a diferentes formações ideológicas.

As formações discursivas são heterogêneas, divididas, possuem contornos instáveis, não há limites rígidos a separar uma formação discursiva da outra. São, segundo Orlandi, constituídas pela contradição, “configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações” (2003, p.44). Repetindo Pêcheux, “uma formação discursiva não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente invadida por elementos que vem de outro lugar (isto é, de outras FDs) que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais” (1997, p.162). Uma FD está, sempre, estabelecendo relações de entrelaçamento com o que é exterior a ela.

A noção de formação discursiva é importante porque dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso. Afinal, configura-se, segundo Navarro-Barbosa, como “um conceito operatório para se pensar como se dá o confronto de forças em um dado momento histórico, uma vez que caracteriza um determinado aspecto da luta nos aparelhos, que pode intervir como uma força confrontada com outras na conjuntura ideológica de uma formação social” (2004, p.23).

Tendo esses conceitos como foco e apoio, passo, novamente, à análise do discurso “verde” das “Páginas Amarelas”. Títulos, linhas finas e textos de apresentação evidenciam a formação ideológica de *Veja*: a de que o efeito estufa e o aquecimento global se instalaram e são irreversíveis, a de que se nada for feito aqui-e-agora a espécie humana sofrerá, a curto prazo, as conseqüências da falta de cuidados com o ambiente. Formação ideológica que se





manifesta na formação discursiva. Afinal, o caráter de urgência é recorrente, bem como o tom alarmista de que este é um momento de caos ambiental que deverá se prolongar por toda a existência humana já que reverter o efeito estufa e o quadro atual de aquecimento global, mesmo para os cientistas mais céticos, é improvável. Por exemplo: “o inglês Nicholas Stern, chefe do serviço econômico inglês faz um alerta: ‘é preciso agir agora’” (edição 1981 – 08/11/2006).

O tom de quem conclama a sociedade a fazer alguma coisa pelo meio ambiente e, conseqüentemente, pela espécie humana se repete já no título da edição 1995, de 14/02/2007: “E hora de agir”, retomando as palavras do brasileiro Alain Belda, presidente da Alcoa. E se este é o momento de se fazer algo é porque “o alerta global”, em relação ao efeito estufa e ao aquecimento global, soou como afirma o economista inglês Nicholas Stern na entrevista da edição 1981, de 08/11/06, e a revista semanal brasileira repete no título das “Páginas Amarelas”.

Assim, sobressai a urgência imposta pelo caos climático, afinal, a partir do “alerta global” não há dúvidas, “é preciso agir agora”. Mas, não são todas as pessoas que estão preparadas para este trabalho hercúleo, só “paladinos da contemporaneidade”, apenas “heróis do verde” como a dinamarquesa Connie Hedegaard (entrevista publicada pela edição 2081, de 8/10/08), o inglês Nicholas Stern (entrevistado das “Páginas Amarelas” de 08/11/2006, edição 1981), ou o ex-vice presidente dos Estados Unidos Al Gore (entrevista publicada pela edição 1977, de 11/10/2006).

Afinal, a primeira, apresentada logo no título como “a guerreira do verde”, leva “adiante uma missão delicada e exaustiva: a de convencer governos de todos os continentes, ricos e pobres, a chegar a um compromisso para conter o aquecimento global” (edição 2081, de 8/10/08), o segundo “recebeu há dezesseis meses uma tarefa colossal: medir o impacto do aquecimento global na economia mundial” (08/11/2006, edição 1981). Já o terceiro, desde que deixou a Casa Branca depois de perder as eleições para George W. Bush, “converteu-se num inflamado pregador da salvação do planeta por meio do desenvolvimento de novas tecnologias e da adoção de atitudes contra a poluição” (edição 1977, de 11/10/2006), é o “guru do verde”, como é chamado no título da entrevista, um exemplo para quem se





preocupa com o hoje e também como o futuro, ou seja, *Veja* e os leitores das suas “Páginas Amarelas”.

Este acreditar poder “colocar ordem no planeta” evidencia um sentimento de potência (segundo Nietzsche), uma vontade de poder (de acordo com Foucault). Assim, é possível dizer que as “Páginas Amarelas” de *Veja*, ao apresentar os discursos de quem sabe as conseqüências do efeito estufa e do aquecimento global e assume a tarefa hercúlea de buscar soluções para os caos climático, se coloca como: discurso de resistências (à destruição do meio ambiente, do planeta); discurso de deslocamentos (é possível sim contornar os desdobramentos do aquecimento global); discursos de mudanças (de comportamento, de hábito, deixando de lado o poder destrutivo do homem para por em ação sua face preservacionista); discurso de transformações da sociedade (de consumo desenfreado para auto-sustentável).

Dessa forma, a partir de 2006, inevitavelmente, o aquecimento global está na pauta das entrevistas publicadas pela seção “Páginas Amarelas”, da revista *Veja*, pelo tema estar no centro de todas as discussões midiáticas e/ou cotidianas. Por isso, os sentidos dos discursos de *Veja* (relação de sentidos), nos últimos três anos, apontam para a onda verde de dizeres já proferidos ou ainda por dizer. Discursos de uma formação discursiva e ideológica que refletem, como na segunda metade da primeira década dos anos 2000, a sociedade contemporânea: a disputa de forças entre o mesmo, a continuidade dos sistemas industriais e de vida atuais, e o novo, a mudança os padrões estabelecidos na busca pela reversão do quadro climático provocado pelos aparelhos e formação social atuais.

Interlocutores

INDURSKY, Freda. *A Fala dos quartéis e as outras vozes*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. *Elementos de lingüística para o texto literário*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

NAVARRO-BARBOSA, Pedro. *Navegar foi preciso? O discurso do jornalismo impresso sobre os 500 anos do Brasil*. (Tese-doutorado). Araraquara: 2004.

ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso – princípios e procedimentos*. 5.ed. Campinas: Pontes, 2003.

PECHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. propósito da Análise Automática do Discurso: atualizações e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. *Por uma Análise Automática do Discurso – Uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux*. 3.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2001. p.163-





252.

- _____. *A propósito da Análise Automática do Discurso: atualizações e*. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso* – introdução à obra de Michel Pêcheux. 3.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2001. p.163-252.
- PECHEUX, Michel. *Semântica e discurso* –uma crítica à afirmação do óbvio. 3.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

Texto recebido em 27 de janeiro de 2011

Text received on January 27, 2011

Texto publicado em 31 de março de 2011

Text published on March 31, 2011

